

## Religião e Praia

1232 15/6/66

Rubem Braga

**U**MA vez fiz uma grande injustiça: acusei a Igreja Batista aqui da rua Barão da Torre de fazer muito barulho aos domingos. Só depois vi que esse barulho não é feito pelos batistas, mas pelos pastores e crentes de outra confissão que se jutam domingo à noitinha na praça General Osório armados de poderosíssimos alto-falantes.

Tenho o maior respeito por tôdas as religiões, apesar de não ter nenhuma — ou por isso mesmo. Admiro o fervor com que esses crentes procuram aliciar as almas de Ipanema e arredores; eles devem ter as mais puras intenções. Apenas não acho direito que eles perturbem o sossêgo dominical com esse berreiro ignóbil, em que as marchas e hinos sucedem discursos vociferados talvez com muita fé, mas sem nenhum respeito pelo domingo alheio. São ondas de berros que invadem os apartamentos com tanta violência que, mesmo fechando as janelas, a gente ouve.

Não sei se o caso é com a Polícia ou com a Administração Regional da Lagoa. Espero que alguém tome alguma providência. Ou então o remédio é se cotisarem os moradores para instalar ali na praça um outro alto-falante mais forte ainda para dizer que «tudo o mais vá para o Inferno!»

Outro dia um amigo meu foi tomar banho na praia do Pepino. Quando entrou no carro para voltar, foi abordado por uma senhora, que dirige um bar ali existente. Ela queria saber se ele não ia pagar nada. Meu amigo respondeu que não fizera nenhuma consumação. Ela insistiu em que ele tinha de pagar alguma coisa, porque o caminho atravessa terreno particular. Meu amigo tocou o carro, e depois me explicou:

— «Se fôsse de noite e eu estivesse com uma namorada, pagaria com medo de escândalo. Sei que muita gente paga; aquela senhora deve ter uma renda excelente à custa do namôro alheio. Mas num sábado de sol, pagar para ir à praia, isso me repugnou. Não bebi nem comi nada lá porque sei que aquêlo boteco, embora sórdido, cobra preços de boate. Não acredito que ela tenha direito de cobrar pedágio por aquêles poucos metros de caminho esburacado. De qualquer maneira não acho justo que ela explore o Oceano Atlântico!»

Meu amigo tem tôda razão. Já é tempo das autoridades construírem um acesso asfaltado àquele belo canto de praia, desapropriando terreno, se fôr o caso. Uma bela coisa que ainda existe no Brasil, em matéria de democracia é a ausência de praias particulares: o mar é de todos, ricos e pobres, pretos e brancos. Aquêlo canto da praia da Gávea precisa ser libertado da ganância da mulher do botequim, e essa coisa de «caminho particular» de acesso à praia tem de acabar. Aqui fica meu apêlo ao governador Negrão, homem de praia — de praia pública.